

“UM GRUPO DE DESOCUPADOS QUE SE DIVERTE”: LAZER EM SALVADOR E FEIRA DE SANTANA, 1877-1907

Danilo da Silva Ramos

Fábio Santana Nunes

Em larga medida, no estado da Bahia, “os estudos históricos que analisam as trajetórias do fenômeno esportivo têm buscado compreendê-lo principalmente a partir da sua capital” (NUNES; RIBEIRO, 2020, p. 02). Algumas atividades, como críquete, turfe e remo, compuseram o cenário esportivo da capital baiana desde o Século XIX. Filarmônicas, touradas, circos, teatros, cinemas, carnaval, sambas, batuques e outros festejos populares também fizeram parte dessa cena. A partir do início do século XX, vemos a presença de outras práticas de lazer, como o futebol, o atletismo, o tênis, a natação, a patinação, o ciclismo, a vida noturna em bares e outras (FONSECA, 2002; BOCCANERA JÚNIOR, 2008; ROCHA JUNIOR; MELO, 2016; FREIRE, 2020; RAMOS, 2022; ROCHA JUNIOR, 2011; SANTOS, 2014; ROCHA JUNIOR; SANTOS, 2015). Contudo, pesquisas sobre a história do lazer, dos esportes e outras práticas corporais que dissertam sobre a “geografia” dos interiores estão em processo de expansão. Rincões, confins e também regiões litorâneas do país, fora dos grandes centros urbanos, são abraçados.

Recentemente, parte da historiografia tem envidado esforços para compreender esses objetos por meio de olhares aos sertões baianos, correntemente enfocando o século XX (NUNES; RIBEIRO, 2020). Destacam-se estudos sobre a capoeira em Vitória da Conquista (SILVA; MARTA, 2019; SILVA; SILVA; MARTA, 2018), o protagonismo de mulheres nas vaquejadas (CAVALCANTI, 2020); surfe em Ilhéus (COTES; GÓES, 2014), um clube social e esportivo em Jequié (PIRES; DIAS; LEITE, 2014), esportes no Piemonte da Chapada Diamantina (NUNES; RIBEIRO, 2020), práticas de sociabilidade em Alagoinhas (LIMA, 2018), teatro em Caetité (FERNANDES; REIS, 2021), circo e teatro em Alagoinhas, Serrinha, Senhor do Bonfim e Juazeiro (SILVA, 2018), além de futebol em distintas cidades e regiões baianas (SOUZA; SILVA, 2017; SANTOS, 2020; CALDAS; ABRAHÃO, 2020; SANTANA et al., 2022; NORTE et al., 2022).

É necessário destacar que, mesmo com uma produção já existente, estudos sobre a história do lazer no estado da Bahia e na região nordeste, de maneira geral, ainda não se comparam em quantidade aos estudos sobre as regiões sudeste e sul. Este capítulo tem a pretensão de contribuir para o preenchimento desta lacuna e auxiliar na desconstrução da

ideia de homogeneidade do desenvolvimento do lazer no Brasil. O texto em tela se debruça sobre o lazer nas cidades de Salvador e Feira de Santana, ambas do estado da Bahia. Nesta medida, discutimos os lazeres de um estado a partir da sua relação centro-periferia, especificamente o binômico capital x sertão. Ponderamos que este trabalho foi construído a partir das experiências de pesquisas dos autores em uma dissertação, no caso de Salvador (RAMOS, 2022), e uma tese, no caso de Feira de Santana (NUNES, 2021). Nosso texto irá discutir quais variáveis foram responsáveis pela emergência histórica das práticas culturais nas cidades de Salvador e Feira de Santana.

Durante a produção da dissertação¹, foram identificadas notícias nos periódicos investigados, disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, na Biblioteca Central da Bahia e no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), que possibilitam a visualização de um panorama sobre a complexidade e variedade de divertimentos de Salvador entre os anos de 1890 e 1910.

Nossas fontes são os jornais e a legislação dos períodos abordados. Com a utilização dos periódicos, é importante evidenciar a “crítica das fontes”. Dessa forma, durante a leitura, análise e discussão das matérias, buscamos indagá-las com base nos seguintes aspectos: quais as condições de escrita; quem escreveu; para que escreveu; quais os donos dos periódicos; qual o posicionamento político/editorial do jornal; como é a forma de escrita; qual público alcança, entre outras questões. Um panorama a respeito desta temática foi elaborado por Leite (2015), no qual o autor retoma o jornal como possibilidade de ser usado como fonte na historiografia, bem como seu protagonismo para a renovação do campo dos estudos da História e notas sobre sua origem ligada ao movimento denominado “Nova História”, iniciado na década de 1970.

Em nossas fontes, observamos que os jornais, em uma parte significativa, cumpriam um papel de auxiliar na disseminação das ideias ditas modernas do período. Com isso, notamos que em determinados momentos seus textos tentaram colocar limites rígidos e estáticos entre quais divertimentos eram lícitos; desta maneira, representavam os valores ligados à civilização e à modernidade. De outro lado, havia também diversões classificadas como selvagens e arcaicos, ou seja, como opostas ao progresso. Inferimos que os periódicos analisados não produziram suas matérias de maneira imparcial: eles foram parciais (em vários momentos), e carregavam consigo um conjunto ideológico previamente definido.

Na parte sobre Salvador, iremos apresentar um conjunto de divertimentos que foram sazonais, mas nem por isso menos importantes. Com isso, apontamos sobre algumas possibilidades de divertimentos no período, que foram pouco discutidas pela historiografia do lazer.

1. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/44151>.

Os divertimentos aqui discutidos serão apresentados em relação à cronologia dos fatos. A ideia é dar centralidade às práticas e não nos prendermos nas sequências lineares de suas respectivas ocorrências. Aproveitamos para indicar que todas as fontes serão disponibilizadas na íntegra em formato de imagem, acompanhadas de uma tabela para identificação aos que desejarem utilizá-las em outros escritos, ficando armazenadas em um site (<https://danielopelc.wixsite.com/my-site>).

SALVADOR

Inicialmente, trazemos para a discussão a ocorrência de um jogo de tabuleiro ou de mesa – não tendo sido possível identificar seu formato— denominado de Jogo do Diabo. O referido jogo foi enviado como presente para alguns periódicos existentes no período e, como forma de retribuição, foi publicada uma matéria em um desses jornais, que tratava sobre sua existência (jogo), caracterização, valor e onde era vendido.² Ademais, todo agradecimento se tornou uma propaganda, com os dados necessários para a compra dos que se interessassem: “Jogo do Diabo. Os estimáveis cavalheiros Silva & Guimarães, proprietários da Casa Ypiranga, á rua Conselheiro Saraiva, n. 46, tiveram a gentileza de enviar-nos uma peça do Jogo do Diabo, última novidade para sport. Cada aparelho deste jogo custa apenas 5\$000. Agradecidos”³.

Em uma sociedade onde o analfabetismo era grande, cerca de 75,7% da população de Salvador se encontrava nessa condição, dados do censo de 1890⁴. Então, o jornal era produzido visando a um público consumidor que representava uma parcela reduzida da sociedade (grande parte da elite). Com isso, o jogo poderia representar a busca por esse recorte do estrato social específico, pelo público de possíveis compradores, parte de uma camada privilegiada da sociedade. Apontamos também para o fato de que o envio do jogo aos periódicos foi uma tática de *marketing* (apesar da ação ainda não ter este nome no período).

É notório que os periódicos acessados demonstram que, para essa parcela da sociedade, exista uma determinada quantidade de variações de jogos de tabuleiro/ mesa para diversão em suas casas ou outros espaços. Como parte deste argumento, apresentamos exemplos de propagandas que trazem os jogos com esta característica reproduzidas em periódicos do período:

2. Diário de Notícias, 1907, n. 1352, p. 1.

3. Idem.

4. Não tivemos acesso aos dados de analfabetismo do censo de 1900. O mais próximo com os dados de analfabetismo em termos de período foi o censo de 1890.

Jogo dos patos - imitação do jogo da glória. Solitários franceses, e ingleses, jogos próprios para as pessoas que amam a solidão.

Jogo das graças - divertimento higiênico para as crianças.

Cubos de paciência - coleção de 12 cubos sólidos, talhados em madeira, cujos lados são pintados de diferentes figuras, e que reunidos formam lindas paisagens, quadros campestres etc.⁵

Na esteira dos jogos, tivemos ainda a publicação de um pedido de autorização para funcionamento de um jogo de azar, em um café estabelecido em Salvador, feito para a polícia, com os seguintes dizeres:

NOVA DIVERSÃO - A sra. Amelia Romero, pediu licença ao dr. chefe de polícia, para instalar em um dos cafés desta cidade, um aparelho denominado Petit-Chemin de Fer. composto de um trem de ferro que correrá em 12 estações. Antes de se dar movimento á máquina vender-se-ão passagens para as diversas estações e o possuidor da passagem para a estação em que parar a máquina receberá, em prêmio, um vale para consumo de café, licores, etc.⁶

No trecho acima, temos uma exemplificação de como os bares, cafés, restaurante e afins podiam ser considerados como espaços para o desenvolvimento de sociabilidades (acrescidas de atividades lúdicas), onde utilizavam diferentes táticas para atraírem mais clientes e, desta maneira, obterem maiores lucros. Os periódicos podiam, em determinados momentos, cumprir o papel de auxiliar a divulgação desses empreendimentos e suas atrações, ao passo que, no trecho apresentado, temos a descrição do formato do jogo e de onde estava instalado. Não encontramos nas fontes, porém, a resposta da polícia para o pedido. Todavia, como não verificamos nas páginas policiais (dos dias posteriores) nenhuma menção a prisão por tal jogo, tampouco sobre a negativa deste pedido, inferimos que ele fora aprovado. Aqui temos uma demonstração de que determinados jogos de azar eram praticados e inclusive tolerados pelo Estado; conseqüentemente, não eram reprimidos pela polícia no período. Em nossa perspectiva, as classes sociais, os locais e a raça das pessoas influenciam essa condição de permissibilidade do Estado para uma parcela da sociedade.

Outros eventos sazonais que encontramos estão relacionados à prática de tiro. Na maior parte das vezes, ocorriam em clubes voltados para isso. Todavia, em determinados períodos, deparamo-nos com pessoas que se divertiam atirando em espaços variados, distintos dos clubes: em casa, e às vezes até em público (nas ruas). Como exemplo, trazemos o caso em que um atirador se machucou. Apontamos sobre a indicação feita pelo jornal em relação à questão do tempo livre, ao induzir que o indivíduo passou a atirar por diversão, pois não havia o que fazer. O periódico é cuidadoso ao tratar o praticante, pois, apesar de

5. A Gazeta da Bahia, 1880, s/n, p.1.

6. Gazeta do Povo, 1906, n. 359, p.1.

caracterizar o divertimento como “mau”⁷, não o desqualifica com adjetivos negativos; ao contrário, traz seu nome completo, o que contrasta com parte das matérias relacionadas aos divertimentos praticados por pessoas negras que, por sua vez, são tratadas em grande parte apenas por pronomes ou substantivos comuns, e em outros momentos apenas com a quantidade numérica e não seus respectivos nomes próprios. Diz a nota:

Mau divertimento - Constancio Martins de Oliveira morador ao Rio Vermelho, em falta do que fazer, divertia-se, a disparar tiros de revólver, alvejando um muro. Sucedeu, porém, que um dos projetis, depois de bater no muro voltasse contra o atirador, encravando-se na 1 camada muscular da região posterior da coxa direita. Procurando a Sala do Banco, foi pelo interno de guarda, doutorando Fabio David, feita a necessária extração da bala, retirando-se o paciente.⁸

É notória a tentativa de inclusão da prática de tiro ao alvo como sendo um esporte do período, e necessariamente sua institucionalização. Em outros estados, como Rio Grande do Sul e Paraná, percebemos a influência de imigrantes na introdução desse divertimento, conforme indicado por Assmann e Mazo (2013), Moraes e Silva e Capraro (2015). Em Salvador, nas pesquisas realizadas, não foi possível encontrar a gênese do tiro ao alvo. Todavia, algumas pistas foram trazidas à tona por Barreto e Aras (2003) ao relatarem a fundação do clube germânico que, no fim do século XIX, possuía entre suas opções de diversão a prática de tiro. A imprensa buscou incentivar a institucionalização do tiro ao alvo, inclusive já apontando seu carácter esportivo:

Tiro ao alvo – Essa diversão, instrutiva e bastante útil, vai fazendo proselytos na capital da república. A sociedade denominada Tiro Civil Club fara efetuar brevemente ali um campeonato de atiradores, na Praça da República, no qual tomarão parte todos os amadores de tiro que o quiserem. Há grande número de prêmios para os vencedores nesse campeonato. Ora, eis aqui mais um gênero de sport que bem pode ser, com vantagem, cultivado entre nós, como já vai sucedendo com a esgrima.⁹

Trataremos agora de duas incidências encontradas, a primeira em uma coluna policial e a segunda na tribuna de reclamações (escritas por editores do jornal ou envidadas pelos leitores e leitoras com destino à polícia). Abordamos o empinar de arraias (conhecidas em outras regiões como pipas ou papagaio)⁷ que apareceu nessa coluna de reclamações, em que habitantes de uma localidade denominada “Desterro” solicitavam aos policiais que fossem acabar com a diversão dos que empinavam arraias, pois estavam estragando os telhados das casas. É preciso sublinhar a maneira com que esta reclamação se referia

7. Gazeta do Povo, 1907, n. 607, p. 1.

8. Idem.

9. Gazeta do Povo, 1905, n. 111, p. 3.

aos praticantes do divertimento: foram categorizados e adjetivados como “uns vadios empinadores de arraia” e de “incômodos e desocupados cultores de tal divertimento”.¹⁰

Na coluna policial esta diversão apareceu através, novamente, de um pedido de intervenção para findar a prática. Nessa notícia, foi narrado o fato de que os empinadores de arraia quase machucaram uma criança, pois, segundo o relato, ao atirarem pedras em um telhado, ele foi quebrado e o local onde a pedra caiu dormia uma criança. E o fato gerador da pedra foi que naquele telhado havia caído uma arraia. A matéria também informa que o pai da criança, ao sair para reclamar, foi recebido de forma agressiva pelos “vagabundos que se divertiam”¹¹, grupo que, especificamente, foi-nos apresentada sua composição: “uma malta de menores de idade”¹², e o divertimento classificado como “pernicioso”¹³. Esse fragmento traz consigo uma consideração que nos deixa algumas pistas para a composição do elemento de ocupação das ruas no início do Século XX, na medida que nos dá a indicação de que parte das principais ruas do distrito de Santo Antônio, local de ocorrência dos fatos, tinha a presença dos empinadores de arraia. Percebemos que, além de empinar as arraias, os praticantes já corriam para pegar as que voam¹⁴. Em uma sociedade que acabava de sair do período de escravização, uma diversão como esta poderia trazer consigo disputas do seio sociopolítico do período, à proporção que a rua e as regras estavam ainda em transição e, conseqüentemente, passavam por um momento de apropriação e demarcação de poder.

Em certos divertimentos, percebemos como o racismo é um elemento estrutural da nossa sociedade, como sugere Almeida (2019); conseqüentemente, é perceptível sua ocorrência junto aos divertimentos, estando presente em diversas instituições, na ideologia, na sociedade civil e em vários âmbitos sociais. Em 1906, por exemplo, foi narrado um fato em que um homem negro foi preso apenas por se divertir tocando um cavaquinho dentro do estabelecimento comercial em que trabalhava. Reproduzimos a matéria a seguir.

TRIBUNA DOS RECLAMANTES - Rigor de mais. Cidadão que nos merece crédito narrou-nos hoje o fato, que vai, abaixo, sem comentários: ontem, á noite, um rapaz de cor preta, achava-se no interior do depósito de massas do seu patrão, á Calçada do Bonfim, divertindo-se com um cavaquinho, quando ali penetrou um cabo do destacamento dos Mares, que o intimou a não continuar a tocar. O aludido rapaz, ao receber a intimação, retorquiu ao policial que se assuntasse. O cabo lhe deu logo ordem de prisão. Pessoa da família, que isso ouviu, dirigiu-se á casa do subcomissário do 1º distrito dos Mares, a quem narrou o ocorrido, pedindo a autoridade que fizesse ir á sua

10. Gazeta do Povo, 1906, n. 201, p.1.

11. Jornal de Notícias, 1910, n. 9001, p.1

12. Idem.

13. Idem.

14. Aqui não existem condições objetivas para indicar se havia no período a possibilidade de tentar “mandar” ou arrebentar a de outrem.

presença o rapaz ameaçado de prisão. Consoante o desejo do subcomissário, o rapaz apresentou-se em sua casa, recebido com insultos e... despedido para seguir para o xadrez.¹⁵

Cabe destacar que o periódico, ao publicar o ocorrido, exime-se de responsabilidade ao ponderar que o fato não será acrescido de comentários, nem pelo reclamante, nem pelos editores do jornal. Parte das histórias das pessoas negras se mantiveram vivas em linhas como essas, em que um “cidadão que nos merece crédito¹⁶” deu visibilidade à prisão. Cabe ponderar que não tivemos nas páginas posteriores um posicionamento da polícia sobre o caso, contestando ou dando veracidade.

Por fim, trazemos as incidências de um jogo denominado “Batedora” ou “Batedoura”. Durante as pesquisas, não encontramos maiores informações sobre o desenvolvimento e regras desse divertimento; inclusive, os dicionários do período não fazem referência a ele. Entretanto, existem algumas características comuns entre as notícias que nos dão a possibilidade de indicar aspectos gerais, tais como o fato de aparentar ser praticado por menores¹⁷, nas ruas ou outros espaços públicos, praticado em grupo. Ficou marcada, durante as análises deste divertimento, a quantidade de prisões relacionadas a sua prática.

Entre outros registros nesse sentido, citamos a prisão de Severiano Barros da Silva, recolhido ao xadrez do posto policial da Sé depois de ter sido apanhado jogando batedora no largo do Teatro (DIÁRIO DA BAHIA, 1905). Do mesmo modo, os menores, João Sebastião Pinto e Marcellino do Nascimento, presos pelas mesmas razões pelo tenente Oliveira Lima (DIÁRIO DA BAHIA, 1905). Também os menores Arthur Marques Bastos e Antônio Bernardino de Souza, pegos no meio da tarde jogando a batedora na rua da Valla, quando foram então conduzidos pela polícia até a estação da Rua do Passo (A BAHIA, 1907).

FEIRA DE SANTANA

Em um domingo, dia 23 de setembro, abrindo a primavera de 1877, um boato sobre a presença em Feira de Santana da Euterpe da capital, que fora em passeio a Cachoeira, cidade vizinha, fez a rapaziada “alvorçar-se” e deslocar-se “para a Estação ver a chegada da propalada Philharmonica” (O CAPÍTULO, n. 01, p. 02 – 03, 28 set. 1877). Com o suporte da Estrada de Ferro Central da Bahia, outras vezes as filarmônicas locais fizeram o

15. Gazeta do Povo, 1906, n. 181, p. 1.

16. Idem.

17. Os sentidos, conceitos e caracterização do que é ser menor de idade variam em cada sociedade. Uma discussão mais aprofundada é encontrada em “História Social da Criança Abandonada”, de autoria da historiadora Maria Luiza Marcílio. Como exemplo, podemos citar que no capítulo sobre “Vadios e Capoeiras” do código penal de 1890, são considerados para aplicação da lei “§ 2º Os maiores de 14 anos serão recolhidos a estabelecimentos disciplinares industriais, onde poderão ser conservados até à idade de 21 anos.”

movimento no sentido contrário: partiram de Feira de Santana em passeio de recreio por cidades vizinhas, como São Gonçalo dos Campos, mas, principalmente, por localidades do Recôncavo Baiano. Um dos registros mais antigos nesse sentido é datado de novembro de 1888 e diz respeito a uma apresentação da Filarmônica “25 de Março” na cidade de “Cachoeira” (MELLO; BRITO, 2018, p. 50). A ocorrência desta prática se intensifica na última década do século XIX e nas primeiras do XX. Além de viagens organizadas pelas filarmônicas, encontramos excursões para Feira de Santana de “despedida à vida acadêmica” promovidas por bacharelados dos cursos de Direito e Medicina (cf. Mello e Brito, 2018).

Na festa da independência da Bahia, Feira de Santana recebeu a filarmônica Orphesina de Cachoeira, a convite da 25 de Março, antiga banda local. Em desfile público, a “digna” Orphesina acompanhou o batalhão dos Artistas e a “prestante” 25 de Março o batalhão do Commercio (ECHO FEIRENSE, n. 04, p. 01, 02 jul. 1878). Os passeios¹⁸ promovidos pelas filarmônicas tinham como objetivos as sociabilidades, os divertimentos e o reconhecimento social (NUNES, 2019). A música conquistou presença privilegiada na grande maioria das cerimônias públicas promovidas em Feira de Santana. Majoritariamente, o timbre luzido das notas festivas ficava a cargo das filarmônicas. Distritos também tiveram as suas associações musicais (POPPINO, 1968), entre elas, a “Sociedade Filarmônica 8 de Setembro do Bomfim da Feira” (O PROPULSOR, n. 103, p. 02, 02 out. 1898). Fazendo uma síntese, Santos (2012, p. 71) assevera:

as filarmônicas estiveram presentes nos festejos e diversões em Feira de Santana, além das participações nos desfiles cívicos, das inaugurações de obras públicas, nas recepções de figuras ilustres, como políticos e intelectuais. A elas cabiam “abrilhantar” os diversos eventos “refinando os espíritos”, seja nas suas sedes, ou nas ruas, estendendo estas pretensões para além das paredes das suas sedes, tecendo relações de poder e contribuindo para que as relações sociopolíticas favorecessem seus representantes.

Outra festa, desta vez religiosa, a de Senhora Sant’Anna, padroeira da cidade, realizada na igreja “matriz provisória”¹⁹, trouxe a participação dessas agremiações. A “distinta” agremiação musical Comércio (também de Cachoeira) desembarcou e foi prontamente recebida pelas sociedades musicais locais Victoria e 25 de Março, dirigindo-se para recepções “em seus vastos salões”, percorrendo posteriormente as principais ruas do centro da cidade. No ato religioso, tocou a Victoria e, “por alguns instantes”, a Comércio.

18. Entre tantos outros passeios, a Filarmônica Victoria fez viagens à cidade de Cachoeira e São Gonçalo dos Campos, respectivamente, em fevereiro de 1900 e janeiro de 1911. Já a Filarmônica 25 de Março fez andanças por São Gonçalo dos Campos, Cachoeira e Salvador, respectivamente, em julho de 1905, junho de 1911 e fevereiro de 1914 (MELLO; BRITO, 2018).

19. Durante um período de reforma da Igreja Matriz, foi usada a antiga capela de Senhor dos Passos. Esta antiga capela foi derrubada no início do Século XX para dar passagem a uma avenida, depois chamada de Maria Quitéria e, por fim, Getúlio Vargas. A Igreja Senhor dos Passos foi reconstruída metros ao lado, margeando esta nova artéria.

Os visitantes regressaram no final da tarde. À noite, ainda aconteceu um “bem composto” leilão (O PROGRESSO, n. 04, p.02, 10 ago. 1882). O leilão, além de ser um momento de arrecadação financeira para pagar os custos do evento religioso e, no caso, muito provavelmente, para gerar dividendos para a construção da nova catedral de Sant’Anna, também representava um momento de lazer.

Outros folguedos do “tempo áureo das festas de Igreja” são evocados por memorialistas, afirmando que “abundavam mascaradas de feitios vários, bumba-meu-boi, cavalhadas, argolinhas, dança-de-fita” (BOAVENTURA, 1989, p. 393). Durante alguns dias de agosto de 1884, percorreu as ruas um bando de “mascarados”²⁰ anunciando a festa da “invicta Padroeira”, sendo permitido o “divertimento até ao meio-dia” da véspera da celebração religiosa, conforme ordens policiais. Era comum a realização de brincadeiras populares, entre essas “o célebre divertimento” do pau de sebo (JORNAL DA FEIRA, n. 123, p. 01, 06 ago. 1884).

Feira de Santana também experimentou as sortes e azares dos jogos, tais como “monte”, “lebre”, “pacao” e “víspera”, que se somavam ao alarido da música representada pelas filarmônicas, ou ainda aos folguedos típicos dos dias santos e feriados. Já em 1877 há notícias de um salão de jogos na Praça do Comércio (O CAPÍTULO, n. 01, p. 03, 28 set. 1877). Outro espaço para a jogatina foi o Salão Recreativo localizado na “Praça João Pedreira, número 4”, conforme anunciado no *Correio de Notícias*, do dia 6 de dezembro de 1885: os *habitués* encontrariam ali, além de “sorvetes” (provavelmente deliciosos), “gêneros alimentícios e bebidas, muitos deles importados”. Este local também exibia “bilhar, gamão, dominó e dama para divertimento dos concorrentes” (GUEDES, 2000, p. 69-70).

Na imprensa, é possível perceber uma campanha contrária aos jogos de azar. Um editorial do jornal *O Motor* traz um longo texto em sua primeira página que, entre outras coisas, afirma que o “jogador na praça pública só tem uma ideia fixa - o lucro” (O MOTOR, n. 68, p. 01, 20 out. 1880). Outro periódico, *O Progresso*, é enfático nas suas críticas: “é digno de lastima o homem que se intitula – jogador; é sim uma desgraça, que fragella [flagela] a si, e as pessoas que d’ele dependem”. Ainda trazendo possíveis consequências de tal prática, a crônica do jornal *O Progresso* argumentava que “a cada passo que por estas ruas passeamos, vemos eles todos enfurecidos n’esse vício tão reprovável, que quase sempre origina o – assassinato, a ladroeira e a bebedeira” (O PROGRESSO, n. 09, p. 02, 10 set. 1882).

Outros passatempos dependiam de animais. Conforme uma crônica, “não somente aqui [Feira de Santana], mas em toda a parte as brigas de *gallo*, figurando entre os variados

20. Manifestação popular conhecida como Bando Anunciador. Para saber mais, ver: Oliveira (2014) e Cavalcanti, Castro Júnior e Rocha Junior (2020).

jogos da *actualidade*.” O texto segue dizendo que os dois mais valentes “gladiadores de toda a raça *gallinacea* feirense, que tão heroicamente se bateram esta semana na arena, cercada de enorme massa de povo” que debatia sobre o assunto “dos cobres, empenhados nas apostas de dentro e de *fóra*” (O PROPULSOR, n. 137, p. 03, 28 maio 1899).

Na imprensa local, os registros de desaprovação dos cronistas com relação a certos divertimentos não se resumiam às “jogatinas”, estendendo-se também para outras manifestações lúdicas, entendidas naquela conjuntura pelas elites letradas como arcaicas e incivilizadas. Em setembro de 1877, um registro anônimo informava que na “casa da Inocente Epiphania presencia-se cenas indecorosas provenientes de seus adorados (...) supõem que não devem respeitar o pudor das famílias” (O CAPÍTULO, n. 01, p. 03, 28 set. 1877). O jornal arremata que era preciso que desaparecessem tais absurdos. Tudo isto ocorria na rua do Marquez do Herval, sobre a qual a imprensa rogava à municipalidade providências para os imensos pântanos (ECHO FEIRENSE, n. 04, p. 01, 02 jul. 1878). Como é possível perceber no registro acima, a presença de mulheres em espaços públicos é uma realidade em Feira de Santana já no século XIX. Inclusive, muitas mulheres negras e pobres trabalhavam na feira ou vendiam produtos pelas ruas da cidade, contrastando com o ideário de que as mulheres (independente de raça ou classe) deveriam estar em espaço privado, em seus lares (DAMASCENO, 2019).

Uma prática comum aos pequenos agricultores, ampliando o leque das diversões em Feira de Santana, eram os sambas (DAMASCENO, 2016, p. 199). Esse gênero musical e dançante aparece em uma crônica de viagem de Mucio Teixeira. Relatando sua ida ao Campo do Gado (espaço originalmente usado para as feiras de animais no município), o cronista fala que os vaqueiros, após a “faina diurna, no pouso, ao clarão das fogueiras”, repinicando violas, improvisando quadrilhas, “cantam ao desafio” e trocam “olhares com mulatinhas faceiras e dengosas, que vão saracoteando os quadris na volúpia do samba” (O PROPULSOR, n. 101, p. 01, 19 set. 1898). Nesta passagem, a mulher negra é representada por imaginário sexualizado de beleza.

Outro samba promovido por populares em região citadina era realizado aos domingos, na rua do Conde d’Eu²¹, onde se reunia “uma porção de capadocina”, o que era tachado pela imprensa como “ESCANDALO”. Segundo relatos da imprensa, eram “acompanhados de cantigas e palavras imorais” que feriam a “chatos ouvidos, além de perturbar ao silêncio público”, alertava o “digno Sr. Delegado de polícia” (O VIGILANTE, n. 34, p. 02, 27 mar.

21. Localizada no centro da cidade. Conhecida antiga e popularmente como a Rua do Meio, recebeu no período imperial o nome de Rua Conde d’Eu; no início da Primeira República, Rua Manoel Victorino; por fim, a atual Rua Marechal Deodoro da Fonseca. Uma parte da Rua do Meio também foi chamada de Sales Barbosa na transição dos Séculos XIX e XX, seguindo assim até hoje.

1878). Diferentemente dos atributos físicos femininos, aqui usa-se de outro expediente: descrever pejorativamente a mulher que festeja em seus poucos momentos livres.

Oposto às críticas e denúncias que recaíam sobre o samba, o sarau dançante – divertimento com elementos de dança e música, porém trajado de simbologias aceitas socialmente e organizado por pessoas do poder local, recebia os louros dos articulistas e editores da imprensa da cidade. Foi o caso do evento na casa do Dr. Promotor Público Manoel Daltro Pedreira França que, segundo registros jornalísticos, “frequentado pela melhor sociedade de Feira de Santana”, prolongando-se com muita animação “até uma hora da madrugada” (O PROGRESSO, n. [12], p. 01, 07 out. 1882).

O contraste nos modos de representação dos bailes populares e da elite explicita contradições de classe e de cor que atravessam a cultura de Feira de Santana no período, como de resto, nos mesmos termos que se passava em todo o país. “Lazeres e religiões de matriz africana, ou cabocla, festas que envolviam populares pobres recebiam, do poder dominante, olhares, saberes e, principalmente, repressão”, como nos lembra o historiador Clóvis Ramaiana Moraes Oliveira (2016, p. 79). Neste sentido, “a modernidade contrapunha-se principalmente à africanidade” (FONSECA, 2002, p. 36). Conforme este pesquisador, “aos olhos dos reformadores”, antigas tradições e modos de viver africanizados, como “o entrudo, a capoeira, os sambas, as festas de largo, o Candomblé, os presentes para a mãe-d’água, a venda de comidas nas ruas”, enfim, tudo o que cooperava para “macular a civilidade” caberia intervenção. Não era diferente em Feira de Santana. A julgar pelo Código de Posturas Municipal, de 1893²², que expressamente assinalava: “Fazer dentro da cidade e dos povoados, sambas ou outro qualquer brinquedo que possa produzir ajuntamento tumultuário, ou perturbar o sossego público. Pena — 12\$000 de multa ou 4 dias de prisão” (O PROPULSOR, n. 49, p. 03, 19 set. 1897).

Anos depois, ainda podemos ver esses momentos populares de divertimento sofrendo perseguição. Em uma Carta de Leitor, “UM PAI DE FAMILIA, assim autodeclarado, chama a atenção da autoridade competente para um encontro de rapazes nas imediações da Praça dos Remédios, fazendo ‘algazarra altas horas’ da noite” (O PROGRESSO, n. 63, ano I, p. 3, 16 mar. 1901).

Talvez por sua característica campestre, os sambas e outras diversões tenham sido pouco influenciados pelos ditames morais e regulamentares da cidade, não tendo ganhado as páginas dos jornais como eventos festivos, mas aparecendo apenas nas seções policiais.²³ Tratados como manifestações incivilizadas, eles acabaram sendo invisibilizados,

22. Código de Posturas do Município de Feira de Santana - Resolução n°. 16 de 15 de dezembro de 1893. Não identificamos na íntegra as Posturas, apenas fragmentos no Jornal “O Propulsor” em diversos comunicados da Intendência que, naquele tempo, possuíam contrato firmado, fazendo as vezes de Imprensa Oficial.

23. “Como por exemplo, a turba registrada pela “Folha do Norte”, n. 98, de 17 de dezembro de 1911, p. 2, com título da

do mesmo modo que o vício do jogo, que também era representado como algo que se afastava da civilidade desejada.

Era um tempo de novidades, como podemos constatar com o “grande melhoramento por que acaba de passar o hotel Restaurant Commercial”, a abertura do “novo salão na casa contigua” ao empreendimento, preparado com cuidados higiênicos “e comodidades para bem servir” ao público, possuindo um “completo sortimento de bebidas, doces e um cozinheiro habilitado”, propriedade de Monteiro Junior & C. (O PROGRESSO, n. 09, p. 03, 10 set. 1882). Antes mesmo da reforma, esse espaço já possuía um jogo de bilhar (O PROGRESSO, n. 07, p. 04, 27 ago. 1882).

A instalação da Biblioteca Pública Municipal, em 6 de novembro de 1890 (MELLO; BRITO, 2020), segue a mesma proposta de progredir a cidade ou, em outras palavras, civilizá-la. Seria uma forma de educar, mas também entreter. A afluência do mês de outubro de 1896 “foi de 106 leitores inclusive 8 Senhoras; foram lidos 100 romances” (O PROPULSOR, n. 05, p. 02, 18 nov. 1896). Destaque para a presença feminina, dando indícios de que as aparições públicas de mulheres letradas ainda eram algo restrito, como o próprio acesso ao letramento.

Periódicos começam a divulgar algumas formas de diversão com características e conotações de espetáculos comercializáveis, tais como espetáculos circenses, turfísticos, tauromáquicos e teatrais. No último quartel do século XIX, percebia-se em Feira de Santana uma maior estruturação de um mercado de entretenimentos relacionado, entre outras coisas, à conformação de uma sociedade em processo de diversificação socioeconômica.

Alguns espaços dos divertimentos comercializáveis já existiam, notadamente, um teatro e um hipódromo. O Theatro Sant’Anna provavelmente realizava eventos diversos pelo menos desde meados de 1878, tais como apresentações teatrais, circenses, cinematográficas ou mesmo concertos musicais (ECHO FEIRENSE, n. 4, p. 02, 2 jul. 1878; O PROPULSOR, n.164, p. 01, 03 nov. 1899; O PROPULSOR, n. 08, p. 04, 05 dez. 1896; O PROPULSOR, n.159, p. 01, 1899; O PROPULSOR, n. 85, p. 0, 29 maio 1898). O Prado pertencente ao Jockey Club Feirense já era destacado na imprensa em setembro de 1890 (MELLO; BRITO, 2018, p. 43). Nos anos subsequentes, outras corridas de cavalo e touradas são relatadas na imprensa.

Além dos espaços institucionalizados de lazer, circos foram armados, corridas de cavalos e touradas realizadas, e a prática do futebol teve seus primeiros momentos em um grande descampado popularmente chamado de Campo do Gado (já mencionado).

matéria: ‘Conflito num samba... facadas’ (DAMASCENO, 2011, p. 91).

Registros de outras práticas de diversão ocorridas em alguns distintos logradouros da cidade e mesmo a organização de “Passeios de Recreio” para localidades vizinhas ampliam o entendimento defendido sobre a mercantilização do lazer na urbe feirense (MELLO; BRITO, 2018). Essas viagens, juntamente às “Tocatas” e “Kermesses”, respectivamente, em praças e chácaras no espaço urbano eram promovidas pelas duas sociedades filarmônicas existentes na cidade no período, a 25 de Março e a Victoria (O PROPULSOR, n. 64, p. 01, 1 jan. 1898; O PROPULSOR, n. 84, p. 02, 22 maio 1898; O PROPULSOR, n.78, p. 03, 10 abr. 1898).

Uma das *quermesses* promovidas pela “25 de Março”, em 6 janeiro de 1898, teria alcançado um público estimado de dois mil participantes (O PROPULSOR, n. 65, p. 01, 09 jan. 1898), ou seja, aproximadamente 1/3 dos moradores da sede do município. No Theatro Sant’Anna, em 1906, outra *quermesse* foi “fartamente frequentada por pessoas distintas chegadas da cidade de S. Gonçalo e dos distritos de Feira” (O PROGRESSO, n. 379, 19 maio 1907, p. 1). Evidentemente, esse tipo de festividade mobilizava toda a região, distritos e cidades dos arredores, permitindo-nos ter uma ideia do potencial público para o turfe, circo, touradas e teatro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feira de Santana, mesmo ocupando um espaço com poucos elementos de urbanização, se comparada à capital da Bahia, não deixou de apresentar um mercado cultural relativamente diverso e potente. Destacam-se instituições, espaços de lazer e o intercâmbio entre práticas e instituições culturais de outras regiões. Vimos o quanto as associações musicais e filarmônicas locais tiveram participação direta em distintos espetáculos. Outra associação, o clube de turfe, também ganhou destaque no período que analisamos aqui. Essencial para as vivências foram os espaços específicos de lazer e os não-específicos, como o teatro, o hipódromo e o Campo do Gado. Os modais de transporte foram outro aspecto fundamental para a interiorização dos divertimentos, interligando o sertão baiano, em geral, e Feira de Santana, em específico, às regiões do Recôncavo Baiano, Salvador e demais localidades do mundo por meio do barco a vapor e do trem, contribuindo para a oferta de lazeres na região, fossem comerciais ou não.

Em Salvador, parte dos divertimentos abordados foram colocados pela sociedade do período como imorais. Pode-se notar elementos constituintes do racismo estrutural espelhados nessas representações. Fontes nos mostram que diversões como a Batedoura poderiam levar pessoas à prisão pelo simples fato de praticá-las, conferindo aqui um sentido de práticas de divertimentos legalmente marginalizadas. Desta maneira, concluímos que as

pessoas negras resistiram para se divertirem, tanto quanto possivelmente se divertiram para resistir. Além disso, também ficou evidente que alguns divertimentos eram voltados para as camadas sociais com maior poder aquisitivo.

Análises sobre a história de Salvador e Feira de Santana à luz da discussão sobre o lugar da Bahia nas relações entre o centro e a periferia do país demonstram que as relações de raça, classe e gênero estão muito presentes no universo da cultura. Destacamos que nessas duas cidades estão presentes as diferenciações sociais a partir da prática de lazer, com espaços que são marcadamente para uma ou outra classe social, apesar de existirem exceções. Nesse sentido, indicamos a dinamicidade, a complexidade e as multifaces do fenômeno da diversão. Em nossa ótica, é importante que tenhamos estudos que busquem esses formatos sazonais de diversão no intuito de diversificar nossos conhecimentos sobre como as sociedades e grupos sociais construíram seu lazer no passado e, deste esforço, mantermos o processo de trazer em nossas discussões as interseccionalidades que atravessam o fenômeno no tempo, demonstrando seu caráter heterogêneo.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ASSMANN, Alice Beatriz; MAZO, Janice Zarpellon. As sociedades de damas atiradoras: pelos caminhos da prática do tiro ao alvo em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. **Revista da Educação Física / UEM [online]**. 2013, v. 24, n. 4 [Acessado 01 julho 2022] , pp. 567-580. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/reveducfis.v24.4.20528>>. Epub 23 Jun 2015. ISSN 1983-3083. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v24.4.20528>.

BARRETO, Maria Renilda Nery; ARAS, Lina Maria Brandão de. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online]**. 2003, v. 10, n. 1 [Acessado 25 Setembro 2022] , pp. 151-172. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000100005>>. Epub 06 Jan 2004. ISSN 1678-4758. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702003000100005>.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgo e vaqueiros**. Salvador: UFBA / Centro Editorial e Didático, 1989.

BOCCANERA JÚNIOR, Sílio. **O Teatro na Bahia, da Colônia à República (1800-1923)**. Salvador: EDUNEB, 2008.

CALDAS, Francisco Demetrius Luciano; ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. Futebol no sertão do São Francisco. In: Cleber Dias (org.). **Depois da Avenida Central: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil**. Rio de Janeiro: Jaguaritica, 2020. p. 197- 224

CAVALCANTI, Adriana Priscilla Costa. **“As Marias de Gado”**: descortinando trajetórias da participação de mulheres nas vaquejadas da Bahia. 2020. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

CAVALCANTI, Adriana Priscilla Costa; CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. Bando Anunciador de Sant’Ana: Cultura, Festa e Lazer nas Ruas da Princesa do Sertão. *Licere*, v. 23, n. 4, p. 1–29, 2020. DOI: 10.35699/2447- 6218.2020.26632. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/26632>. Acesso em: 26 mar. 2021.

COTES, Marcial; GÓES, Dirceu. Primeiros apontamentos para legitimar Ilhéus na historiografia do surfe da Bahia. **Revista Eletrônica Discente História.Com.**, v. 02, n. 04, p. 50-57, 2014.

DAMASCENO, Karine Teixeira. **Para serem donas de si**: mulheres negras lutando em família (Feira de Santana, Bahia, 1871-1888). 2019. 243 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

DAMASCENO, Karine Teixeira. **Labuta, sociabilidade, solidariedade e conflito**: mulheres pobres, trabalhadoras e negras em Feira de Santana, 1890-1920. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 8, n. 16, p. 187-201, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984- 9222.2016v8n16p187>. Acesso em: 01 ago. 2021.

DAMASCENO, Karine Teixeira. **Mal ou bem procedidas**: cotidiano de transgressão das regras sociais e jurídicas em Feira de Santana, 1890-1920. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021

DIAS, Cleber. A emergência histórica do lazer revisitada. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 50, p. 602-623, maio./ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-101X02305013>. Acesso em: 20 dez. 2022.

DIAS, Cleber. Mercantilização do Lazer no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v.21, n.2, jun/2018.

FERNANDES, Francielly Keyse Martins; REIS, Joseni Pereira Meira. **O teatro como modo de educação e participação nas culturas do escrito em Caetité Bahia, no início do Século XX**. *Revista Cocar*, Belém, v.15, n. 31, p.1-20, 2021.

FIGUEREDO, Anna Carolline Sá. **Os grupos teatrais amadores de Feira de Santana**: dinâmicas e vinculações políticas (1920 – 1930). 2019. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciado em História) - Universidade Estadual Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

FREIRE, Danilo Raniery Alves. Práticas culturais de lazer em Salvador: cotidiano entre os anos de 1920 e 1935. 2020. Dissertação (Mestre em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32760>. Acesso em: 18 nov. 2022.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo Fita”**: Cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: Edufba, 2002.

KARLS, Thaina Schwan; MELO, Victor Andrade de. Novas dinâmicas de lazer: as fábricas de cerveja no Rio de Janeiro do século XIX (1856-1884). **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 147-160, jan./mar. 2018.

LAZARO, João Pedro Prado Mercês. **Labirintos da bola**: normatização e práticas do futebol em Feira de Santana (1942-54). 2015. 141f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

LEITE, C. H. F. TEORIA, METODOLOGIA E POSSIBILIDADES: OS JORNAIS COMO FONTE E OBJETO DE PESQUISA HISTÓRICA. **Revista Escritas**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 03-17, 2015. DOI: 10.20873/vol7n1pp03-17. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1629>. Acesso em: 25 dez. 2022.

LIMA, Lizandra de Souza. **Percepções históricas sobre o lazer e a educação nas práticas de sociabilidade em Alagoinhas-BA**. 2018. 88f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

MARCÍLIO, Maria Luiza. História social da criança abandonada. . São Paulo: Hucitec. . Acesso em: 06 jan. 2023, 2006

MELLO, Carlos Alberto Almeida; BRITO, Carlos Alberto Oliveira (Orgs.). **Inauguração da Biblioteca Pública Municipal da Feira de Santana**. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos. Núcleo de Preservação da Memória Feirense, 2020.

MELLO, Carlos Alberto Almeida; BRITO, Carlos Alberto Oliveira (Orgs.). **Memórias**: Arnold Ferreira da Silva. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos. Núcleo de Preservação da Memória Feirense, 2018.

MELO, Victor Andrade de. Sobre o conceito de lazer. **Sinais Sociais**, v. 8, p. 15-36, 2013.

MELO, Victor Andrade de. O lazer (ou a diversão) e os estudos históricos. In: Helder Ferreira Isayama; Silvio Ricardo da Silva. (Org.). **Estudos do Lazer: um panorama**. 1ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011, v. 1, p. 65-80.

MORAES E SILVA, Marcelo; CAPRARO, André Mendes. O tiro de guerra 19 Rio Branco: apontamentos acerca da institucionalização esportiva de Curitiba (1909-1910). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte [online]**. 2015, v. 29, n. 2, pp. 229-243. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-55092015000200229>. Acesso em: 25 set. 2022. ISSN 1981-4690.

NORTE, Ramom de Souza; SANTANA, Thiago Santos de; NUNES, Fábio Santana; COTES, Marcial. Pugnas internacionais: ilheenses versus tripulantes britânicos do navio de guerra Delhi em 1930. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 1-24, jan./jun. 2022.

NUNES, Fábio Santana; RIBEIRO, Jean Carlo. Incidência histórica do esporte no Piemonte da Chapada Diamantina, sertão baiano, nas décadas de 1920 e 1930. **Cenas Educacionais**, v. 3, n. 6994, p. 1- 21, 2020.

NUNES, Fábio Santana. **Pelos vapores e trens, do hipódromo ao stadium: esporte e lazer em Feira de Santana - BA (1875-1922)**. 2021. Tese (doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2021.

NUNES, Fábio Santana. **Uma Feira de diversões**. Simpósio Nacional de História, 30., Recife, 2019. Anais... Recife: Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019. Disponível em: www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553267276_ARQUIVO_UMAFEIRADEIVERSOES_ARTIGO_novo.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

OLIVEIRA, Clovis Ramaiana Moraes. **Canções da cidade amanhecendo**: urbanização, memória e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960. Salvador: EDUFBA, 2016.

OLIVEIRA, Rennan Pinto de. **Sant'Ana dos Olhos D'Água**: fé e celebração entre a igreja e o largo (1930-1987). 2014. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

PIRES, Roberto Gondim; DIAS, Cleber; LEITE, Marcos Cesar Meira. História e memória do esporte em Jequié. **Recorde**, v. 7, n. 1, p. 1-23, jan./jun., 2014.

POPPINO, Rollie. Feira de Santana. Bahia: Editora Itapuã, 1968.

RAMOS, Danilo da Silva. **Resistir para se divertir, se divertir para existir**: os “selvagens divertimentos” das pessoas negras em Salvador (BA) na virada do século (1890-1910). Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias. 2022. 173 p. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2022. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/UserFiles/files/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20DANILO%20VF%20-%20AGO%202022.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2022.

RAMOS, Danilo da Silva. “Vagabundos que se divertem” – Possibilidades de diversão na primeira década do século XX em Salvador – BA. **BELA - Blog de Estudos do Lazer**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://estudosdolazer.wordpress.com/2022/08/16/vagabundos-que-se-divertem-possibilidades-de-diversao-na-primeira-decada-do-seculo-xx-em-salvador-ba/>. Acesso em: 1 set. 2022.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. **Esporte e modernidade**: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX. 2011. 155f. Tese (Doutorado em História Comparada) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da; SANTOS, Henrique Sena dos. **Primórdios do esporte no Brasil**: Salvador. Manaus: Reggo, 2015.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da; MELO, Victor Andrade de. As touradas na Cidade da Bahia: transições na dinâmica pública soteropolitana. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 54, p.189-211, jan./jun. 2016.

SACRAMENTO, Beatriz Café. **O cinema e as sociabilidades em Feira de Santana (1910-1919)**. Anais...VIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUHBA. Feira de Santana, 01 a 04 de novembro de 2016. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), 2016. Disponível em: 214 <http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/site/anaiscomplementares?AREA=2602&impressao>. Acesso em: 13 fev. 2020.

SACRAMENTO, Beatriz Café; SILVA, Aldo José Morais. **A arte como negócio**: o lazer e a economia do cinema em Feira de Santana, de 1910 a 1920. 2017.

SAMPAIO, Maria Izabel da Silva. **A função social do teatro em Feira de Santana (1892-1912)**. Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia da História) – Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2000.

SANTANA, Alisson Oliveira Soares de. **Cinema e práticas cinematográficas: experiências urbanas em Feira de Santana (1946-1965)**. 2020. 149 f. Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.

SANTANA, Thiago Santos de; NORTE, Ramom de Souza; NUNES, Fábio Santana; SILVA, Aldo José Morais; COTES, Marcial. O esporte em Ilhéus e a consolidação do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (1921). **Movimento**, [S. l.], v. 28, p. e28030, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.113797. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/113797>. Acesso em: 12 nov. 2022.

SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. **Diversões e civilidade na “Princesa do Sertão” (1919-1946)**. 2012. 160f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SANTOS, David. **Ateneu artístico vilafranquense: da monarquia constitucional à adesão Europeia**. Vila Franca de Xira: Colibri, 2008.

SANTOS, F. da C. **O CONCEITO DE DIVERTIMENTO NA CIDADE DE SÃO PAULO (1828-1867)**. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 67, 2020. DOI: 10.23925/2176-2767.2020v67p315-365. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/48239>. Acesso em: 6 jan. 2023.

SANTOS, Henrique Sena dos. Futebol no interior da Bahia, 1920 – 1940. In: Cleber Dias (org.). **Depois da Avenida Central: cultura, lazer e esportes nos sertões do Brasil**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020. p. 153-196.

SANTOS, Henrique Sena dos. **Pugnas renhidas: futebol, cultura e sociedade em Salvador, 1901 – 1924**. Salvador: EDUFBA, 2014.

SILVA, Jonatan dos Santos; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **“DO QUINTAL À RUA”**: a capoeira em Vitória da Conquista-BA na memória do mestre Donizete (1950/60). *Cenas Educacionais*, v. 2, n. 2, p. 3-24, jul./dez., 2019.

SILVA, Jonatan dos Santos; SILVA, Paula Barreto; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Construindo Caminhos de Possibilidade em Vitória da Conquista-Ba: O Mestre Sarará e a Memória da Capoeira entre os anos de 1960 e 1970. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1-29, jul./dez. 2018.

SILVA, Miranice Moreira da. O Carnaval dos Anos Trinta e a Suposta “Crise” Carnavalesca Feirense. **Licere**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 282–308, 2020a. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/19749>. Acesso em: 9 maio. 2021.

SILVA, Miranice Moreira da. **Os sons da cidade: territorialidades e sociabilidades nos circuitos da micareta de Feira de Santana (1939-1985)**. 2020. 294 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2020b.

SILVA, Miranice Moreira da. **Entre máscaras e serpentinhas: por uma história dos festejos carnavalescos feirenses (1891-1939)**. 2013. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2013.

SILVA, Reginaldo Carvalho da. **Dionísio pelos trilhos do trem: circo e teatro no sertão do Brasil**. Curitiba: CRV, 2018.

SOUZA, Gildison Alves de; SILVA, Osni Oliveira Noberto da. Futebol em Capim Grosso e sua Relação com as Políticas Governamentais Brasileiras – 1964 a 1985. In: MARTA, Felipe Eduardo Ferreira; MUSSI, Leila Maria Prates Teixeira; CARDOSO, Berta Leni Costa (org.). **História do Esporte: cultura, política, gênero e economia**. Goiânia: Kelps, 2017. p. 85-96.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 40-98.

Censo

DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. *Sexo, estado civil, nacionalidade, filiação alfabetização da população recenseada em 31 de dezembro de 1890*. Rio de Janeiro: Oficina de Estatística, 1898. 442p. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

Jornais

A Baía, Salvador, 1907, n. 3277, p.1.

A Gazeta da Bahia, Salvador, 1880, s/n, p.1.

Correio do Brazil : Orgão Democrata, Salvador, 1904, n. 175, p.1.

CORREIO DE NOTÍCIAS, Feira de Santana, 06 dez. 1885

Diário de Notícias, NOVA DIVERSÃO, Salvador, 12 de out. de 1907, n. 1352, p.1.

Diário da Bahia, Salvador, 1905, n. 39, p.1.

Diário da Bahia, Salvador, 1905, n. 72, p.1.

Gazeta do Povo, TIRO AO ALVO, Salvador, 4 de dez. de 1905, n. 111, p. 3.

Gazeta do Povo, JOGO DO DIABO, Salvador, 6 de out. de 1906, n. 359, p.1.

Gazeta do Povo, MAU DIVERTIMENTO, Salvador, 9 de ago. de 1907, n. 607, p.1.

Gazeta do Povo, TRIBINA DOS RECLAMANTES, Salvador, 27 de mar. de 1906, n. 201, p.1.

Gazeta do Povo, TRIBINA DOS RECLAMANTES, Salvador, 3 de mar. de 1906, n. 181, p.1.

Gazeta do Povo, Salvador, 1910, n. 1418, p.1.

Jornal de Notícias, POLÍCIA, Salvador, 10 de mar. de 1910, n. 9001, p.1.

JORNAL DA FEIRA, Feira de Santana, n. 123, p. 01, 06 ago. 1884.

ECHO FEIRENSE, Feira de Santana, n. 04, p. 01-02, 02 jul. 1878.

O CAPÍTULO, Feira de Santana, n. 01, p. 02 – 03, 28 set. 1877.

O MOTOR, Feira de Santana, n. 68, p. 01, 20 out. 1880.

O PROPULSOR, Feira de Santana, n.164, p. 01, 03 nov. 1899.

O PROPULSOR, Feira de Santana, n.159, p. 01, 1899.

O PROPULSOR, Feira de Santana, n. 137, p. 03, 28 maio 1899.

O PROPULSOR, Feira de Santana, n. 103, p. 02, 02 out. 1898.

O PROPULSOR, Feira de Santana, n. 101, p. 01, 19 set. 1898.

O PROPULSOR, Feira de Santana, n.85, p. 01, 29 maio 1898.

O PROPULSOR, Feira de Santana, n. 84, p. 02, 22 maio 1898.

O PROPULSOR, Feira de Santana, n.78, p. 03, 10 abr. 1898.

O PROPULSOR, Feira de Santana, n. 65, p. 01, 09 jan. 1898.

O PROPULSOR, Feira de Santana, n. 64, p. 01, 1 jan. 1898.

O PROPULSOR, Feira de Santana, n. 49, p. 03, 19 set. 1897.

O PROPULSOR, Feira de Santana, n. 08, p. 04, 05 dez. 1896.

O PROPULSOR, Feira de Santana, n. 05, p. 02, 18 nov. 1896.

O PROGRESSO, Feira de Santana. n. 379, p. 1, 19 maio 1907.

O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 63, ano I, p. 3, 16 mar. 1901.

O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 09, p. 02-03, 10 set. 1882.

O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 02, p. 01, 23 jul. 1882.

O PROGRESSO, Feira de Santana, n. [12], p. 01, 07 out. 1882.

O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 07, p. 04, 27 ago. 1882.

O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 06, p.03- 04, 20 ago. 1882.

O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 05, p. 03, 16 ago. 1882.

O PROGRESSO, Feira de Santana, n. 04, p.02, 10 ago. 1882.

O VIGILANTE, Feira de Santana, n. 34, p. 02, 27 mar. 1878.